

LUGARES DE ENSINAR: SALAS-DE-AULAS PELA LENTE DO CELULAR.

SILVA, Claudio Renato Moraes da¹

0000-0003-4724-729X

SILVA, Jemima Landim da²

0009-0006-7018-9955

VAZ, Patricia Velozo³

FREITAS, Samara Rodrigues Paiva de⁴

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

RESUMO:

Ensinar é mais que um ato solitário, que é pretensioso e repetitivos modos de fazer ou tentar fazer pessoas, apreender para si e para a vida, coisas e construir opiniões e/ou resoluções. Talvez cabe a palavra processo, mas no sentido de partes, de muitas partes e etapas envolvidas e comprometidas nesse desenvolver ideias para e sobre pessoas, coisas, fatos e fenômenos. Aprender está condicionalmente ligada e enraizada no Apreender – deixar ficar marcado em si, em cada uma e cada um, daquilo que a aprendizagem se revelou ser e fazer. Este artigo é uma viagem por lugares distantes das salas de aulas e revelador de diferentes e diversos lugares de outros formatos estruturais de salas de aulas. Os lugares são o universo que constitui e completa conteúdos, os lugares são matérias de permitem desenvolver ementas na proximidade e na concreticidade do que propõe os conteúdos instalados nos programas dos cursos. O celular é só a ferramenta que revela, diferente do nitrato de prata que revela e entrega em papel a fotografia, hoje essa tecnologia é mais comum, mais popular, mais democrática e se permite mais incluir e revelar. Imagens a contar como se pode ensinar – aprender - Apreender.

Palavras-Chave: Salas de Aulas; Celular; Biblioteconomia; Ensinar; Aprender.

¹ Professor pós-doutor em Educação: Comunicação, atuante no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, claudiusrenato@gmail.com

² Discente em Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, RS, jemima.furg@gmail.com

³ Discente em Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, RS, patricia.furg67@gmail.com

⁴ Discente em Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, RS, samara-freitas1@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a ser inovador, mas não garante que o seja, no entanto, também é proposta, que seja diferente dos padrões, das estruturas formais e até do enrijecimento necessário da ABNT e das respectivas NBR's.

Em todas as Ações ou Práticas, planejamento sempre; e que a Execução seja sempre Ação. Desta forma e em diferentes formatos à docência universitária tende a se desenvolver e transitar naturalmente nesse autor. Sim, não é identificado o limite de quando surgiu ou se foi provocada a surgir, pois não se identifica onde ou quando começava ou começou à vontade para o “transferir” – transferidor - Professor; o todo em si é tomado pelo plano que nasce “in natura”, despretenso, liberto e com domínio total da condução para a ação.

Assim é o verbo ensinar, neste autor.

Nesta fórmula, de registros, de fotografias, de momentos em diferentes Salas de Ensinar se compõe este artigo. Devido a este contexto, a seguir mostrará um pouco do acervo de fotos pessoais realizada em disciplinas das quais pude transmitir o saber em sala de aula:

Foto 1: Aulas da Disciplina Fontes de Info. e Meio Ambiente, Ilha dos Marinheiros, Rio Grande-RS (2014)



Fonte: Registros fotográficos do autor (2014).

Por mais que os formatos, planos e o planejamento dos conteúdos das disciplinas, sigam, regimentalmente, padrões fixos a cada semestre e ano, a criatividade e a necessidade de experimentar, de “furar a caixa” e de ousar desafiar o dedo no ar, pelo ar, faz nascer o diferente ou a pretensão pretensiosa de fazer ser. E ao passar o dedo, a mão e as ideias pelo

furinho da caixa, se mostram as diferenças, se traduzem outras linguagens, se revelam múltiplas imagens - imaginárias ou não, mas com poder potencial para fazer a mágica dos retratos, mesmo sem o nitrato de prata - somente pela lente de olhares e com os muitos olhos dos espectadores colaboradores, conhecidos, comumente, como estudantes.

Ver!

Enxergar Diferenças!

Sentir-Se Diferentes!

Informação *de per si* é tudo; está em tudo, compõe e compõe-se tudo o tempo todo - Tudo é informação, tudo vem, advém, surgiu, emergiu – até fofocas - Fontes de Informações. Lugares identificam onde procurar a informação, checar Fontes, os indicadores, os indicativos, os endereços – CEP's??? apontamentos, rumos – corredores – “as paredes tem ouvidos” e vão dizer onde encontra-se ou encontros de algum suporte, de algum formato, de algum tipo representado que representa a INFORMAÇÃO.

Nesse sentido, as línguas, os *pen drives*, as marcas de pés no caminho pela areia, nos desenhos que fizera no banheiro público, nas revistas eletrônicas, nos *cardex* e nos fichários, nas dedicatórias dos livros nas feiras do *Book* - Livro, nas datas que colocaram no verso das fotografias *polaroid*, enfim, as Fontes de Informação elas têm a sua origem muito tradicionais, muito remotas e muito tecnológicas e também muito sem sentidos e fazendo todo o sentido, dentro ou fora das caixas; fazer a revelação só garante que conforme a luz a imagem fica diferente.

E, fora dos formatos convencionais, "desformatado", por assim dizer, aquilo que se pretende ensinar ou que se acredita ensinar, pode se manifestar de maneiras inesperadas, resultando em frutos que se podem colher em árvores.

E o que é fruto, colhe-se, saboreia-se e, mais importante, vivência-se.

Foto 2: Aulas na Disciplina Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Alternativas, Campus Carreiros da FURG – sob o Jambolão, no estacionamento do Pavilhão 4, Rio Grande–RS (2015).



Fonte: Registros fotográficos do autor (2015).

Foto 3: Aulas na Disciplina Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Alternativas, Campus Carreiros da FURG – sob o Jambolão, no estacionamento do Pavilhão 4, Rio Grande–RS (2015).



Fonte: Registros fotográficos do autor (2015).

Foto 4: Aulas na Disciplina Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Alternativas, Campus Carreiros da FURG – sob o Jambolão, no estacionamento do Pavilhão 4, Rio Grande–RS (2015).



Fonte: Registros fotográficos do autor (2015).

Colher não é exatamente uma prerrogativa só do jardineiro ou dos professores, mas de ambos, isso quando comprometidos com o terreno, com a sala, com o jardim, com a estrada e responsáveis fiéis na adubação.

Quando isso acontece são Todxs plantadores.

E não faltam colhedores para experienciar.

E começamos a caminhar pelo caminho, por diferentes caminhos a revelar práticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

DO ESTÉTICO AMBIENTAL AOS CAMINHOS POR LUGARES DE SABERES

Aqui, e assim, a alquimia de fazer coisas diferentes com o plano, com os conteúdos das disciplinas se Ressignifica e, embora o que é normativo, formatado, "mais acadêmico" e rigorosamente regimental, permite-se a uma intervenção diferente, "fica mais bom ser educador com educados – educandos – aprendentes colaboradores no laboratório de mágicas".

Foto 5: Aulas na Disciplina Ação Cultural: teoria e prática – sobre a fabricação da bebida típica da ilha e da Cidade do Rio Grande – a Jeropiga, Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS (2014)



Fonte: Registros fotográficos do autor (2014).

Foto 6: Aulas na Disciplina Ação Cultural: teoria e prática, Ilha dos Marinheiros, Rio Grande-RS (2015)



Fonte: Registros fotográficos do autor (2015).

As maneiras diversas, diversificadas e, até, talvez divertidas de desenvolver conteúdos nas disciplinas, pode chocar o discente universitário quanto as suas expectativas do que seja o ensino superior; não seja ou tenha mais endurecido rigor – aqui não se trata de conflito, mas um pouco ou muito a estranheza na condução das múltiplas construções de salas-de-aulas – ou - lugares de aulas.

É certo que nós Todxs, professoras e professores – Educadores e Educandos estamos em um mesmo processo que tem por princípio “” formar””⁵ pessoas para exercer uma atividade profissional nos infinitos mercados, com características, necessidade e demandas diversas e que independente a/ao qual seguir, demandará conhecimento apreendido, profissionalismo, expertises e uma carga positiva de energias, para o enfrentamento cotidiano.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Nº 9394/96, que, no Art. 43, destaca as finalidades da Educação Superior:

- I - Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; [...]
- IV - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos [...];
- V - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, [...], prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; [...]

Arelados, referendados, fiéis, mas não engessados pela LDB, pois isso seria uma ruptura com a liberdade libertadora que é e faz a Educação, em todos os níveis do ensino, segue pelo caminho, em ambas as margens, os desafios para Estimular e Desafiar as formas e formatos de compartilhamento dos conhecimentos.

Quanto às finalidades da Educação Superior, aqui e particularmente, utilizo a maneira de olhar pela minha lente, pelo meu foco, as leituras de imagens que vejo, que veem, talvez possa ser desfocada, talvez distorcida... talvez até possam estar se distanciando do anunciado formal, mas assim eu enxergo melhor e posso permitir mais liberdade para outras e outros olhares, de diferentes ângulos, de diferentes lugares (de cima, de baixo, do meio, bem do alto, do raso); sou e me revelo professor, sou extensionista “*in natura*”, e pode estar nesse lugar o vírus saudável que me inquieta e me desafia, não pretensiosamente a fazer diferenças, mas a ser diferente no trato e na entrega dos conteúdos.

⁵ As aspas duplas, para destacar o quanto o termo é grotesco e descontextualizado, do verdadeiro e fiel projeto de Capacitar, Instruir, Pré-parar os discentes para as profissões.

Gosto de ler no Professor Mitchel Resnick (2020), principalmente em uma matéria para a Pátio⁶ quando lhe foi perguntado e respondido:

Qual foi a maior invenção dos últimos mil anos? A lâmpada elétrica, o avião, o computador, a internet, a impressora? Poderíamos responder de diversas formas. Mas dificilmente você pensaria na resposta dada por Mitchel Resnick. Para o professor do prestigiado Massachusetts Institute of Technology (MIT), a maior invenção do milênio é o **jardim de infância**. (Redação da Pátio – Revista Pedagógica é formada por jornalistas do portal Desafios da Educação e educadores das áreas de ensino infantil, fundamental e médio. 14 maio, 2020).

Para Resnick (2020) os 4 P's para a Aprendizagem Criativa e suas possibilidades no Ensino Superior são: o primeiro P de **Projetos**⁷, o segundo P de **Paixão** e o autor defende a ideia de projetos livres, onde o estudante escolhe com liberdade o que fazer, como fazer e com quem fazer. Segundo o autor quando as pessoas trabalham em projetos nos quais têm interesse, parece óbvio que estejam mais motivadas e dispostas a trabalhar mais e por mais tempo, mas isso não é tudo. A paixão e a motivação tornam mais provável que elas se conectem com ideias novas e desenvolvam novas formas de pensar. (RESNICK, 2020, p.64). O terceiro P de **Pares** - na e para⁸ a construção da criatividade criativa nos modos de ensinar ou re-ensinar; aqui reside e sustenta-se quão importante são as professoras e os professores presentes na sociedade da educação preparadora, profissional e qualificadora de pessoas. Para Resende (2009, p.222) “para entender as exigências de melhoria do ensino, é preciso adotar essa visão de inovação, levando em conta que o educador deve assumir um papel ativo [...]”. E o quarto P de **Pensar Brincando**.

As memórias lá do meu jardim das infâncias são renovadas em mim, é trazido sempre que percebo que estou me afastando dos hábitos infantis e da falta de fé... Fé mínima, tipo, amanhã vai ser ainda melhor que hoje, outras brincadeiras virão, o recreio virá novamente com todas e outras brincadeiras e posso misturar várias cores na aquarela e pintar o sol de azul.

Os conectores no e do processo ou do projeto ou do simples jeito de fazer o ensino acontecer, está condicionado a criatividade inventiva ou no mínimo, as tentativas de fazer conexões com outras fórmulas de ensinar. A mesmice repetitiva e reproduzida semestre após semestre, anos após anos, os mesmos padrões - são chatos! Promover ações criativas também é papel dos professores que fazem conexões.

⁶ Redação da Pátio – Revista Pedagógica é formada por jornalistas do portal Desafios da Educação e educadores das áreas de ensino infantil, fundamental e médio. 2020. <https://desafiosdaeducacao.com.br/mitchel-resnick-educacao-infantil/>

⁷ Negrito de escolha pessoal, para destacar os 4 P's.

⁸ Grifo pessoal vem destacar e sustentar a indissociabilidade na construção dos saberes muitos e por todas e todos.

Para compor a rede dos referenciais aqui se desajusta as conexões que conectam Pessoas, em quaisquer lugares.

Foto 7: Aulas na Disciplina Ação Cultural: teoria e prática, Ruínas de São Miguel Arcanjo – Redução Jesuítica, São Miguel, RS (2019)



Fonte: registros fotográficos do autor (2019)

Foto 8: Aulas na Disciplina Ação Cultural: teoria e prática, Ruínas de São Miguel Arcanjo – Redução Jesuítica, São Miguel, RS (2019)



Fonte: registros fotográficos do autor (2019)

Foto 9: Aulas na Disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS (2018)



Fonte: registros fotográficos do autor (2018)

Fundamental e necessário, para resolver a equação ensino aprendizagem, é e será a fidelidade casada entre os atores principais que atuam nesses palcos, digo, nessas salas de aulas, digo, nesses Lugares de Ensinar – estudantes aprendentes-ensinantes X professores ensinantes-criativos-inventivos.

RELATOS DAS ALUNAS SOBRE APRENDIZAGEM FORA DA SALA DE AULA

A aprendizagem não se restringe aos muros da escola ou às paredes de uma sala de aula. Ela acontece em diversos espaços, onde o conhecimento se revela de forma mais concreta e significativa. Nesta seção, as alunas compartilham suas experiências e reflexões sobre as vivências fora do ambiente tradicional de ensino, destacando como essas práticas contribuíram para a construção de saberes que vão além do conteúdo teórico.

As atividades realizadas em diferentes locais, como museus, centros culturais, espaços públicos e até mesmo ao ar livre, permitiram uma imersão mais profunda nos temas estudados, conectando a teoria à prática de maneira dinâmica e envolvente. Esses momentos não apenas enriqueceram o processo de aprendizagem, mas também promoveram a autonomia, a criatividade e a colaboração entre as estudantes.

A seguir, apresentamos os relatos das alunas, que descrevem como essas experiências foram transformadoras, tanto para o seu desenvolvimento acadêmico quanto pessoal. Cada narrativa reflete a importância de se aprender em contextos reais, onde o conhecimento ganha vida e significado.

Relato 1: Estudante de Biblioteconomia - Jemima Landim da Silva (2025).

Participar de experiências de aprendizagem em locais fora da sala de aula tradicional revelou-se transformador para mim, pois foram com essas vivências que pude obter uma nova percepção sobre como o ambiente físico pode influenciar e instigar nossos conhecimentos, seja para viabilizar uma melhoria ou até mesmo propor sugestões para locais que possuem potencial para se tornarem disseminadores do conhecimento, sendo assim, ao explorar esses ambientes alternativos pude compreender como o aprendizado se torna mais significativo. A troca de ideias e a vivência coletiva nesses espaços ampliaram minha visão sobre o papel da educação em conectar teoria e prática, pois são esses locais, com sua riqueza cultural e histórica despertaram em mim um senso de pertencimento e curiosidade, na qual a sala de aula convencional nem sempre consegue atingir.

Consequentemente, as atividades realizadas, estimularam não apenas o raciocínio crítico, como também a sensibilidade para interpretar diferentes perspectivas e contextos, pois cada um enxergava o cenário de maneira única, e isso me fez entender que a aprendizagem não é apenas sobre "receber conhecimento", mas também valorizar a maneira como o outro vive e interpreta o mundo. A empatia, a interação com os ambientes e com os colegas nesses cenários reforçaram a importância da colaboração e da criatividade como ferramentas essenciais para o aprendizado, com isso, percebi que o simples ato de se deslocar para um novo espaço pode, de fato, transformar o processo educativo, tornando-o mais dinâmico e engajador.

Além disso, estar em um novo cenário, muitas vezes distante da minha zona de conforto, me permitiu reconhecer o impacto das diferenças sociais, culturais e ambientais. Essa percepção não só despertou em mim um senso de responsabilidade social, como me mostrou a empatia sendo uma ferramenta poderosa para construir pontes entre as pessoas, nesse contexto, aprendi que, para compreender o outro e o mundo ao nosso redor, é preciso ir além do que está diante dos olhos, mergulhando nas histórias e sentimentos que cada espaço ou indivíduo carrega.

Portanto, essas experiências demonstraram que a mudança de ambiente transforma o processo educativo, deixando mais dinâmico, com isso, a empatia cultivada nessas vivências

transcende a sala de aula, preparando-nos para sermos cidadãos mais conscientes, sensíveis e comprometidos em colaborar para um mundo mais inclusivo e humano.

Relato 2: Estudante de Biblioteconomia - Patricia Velozo Vaz (2025).

Participar de aulas fora do ambiente convencional tornou-se uma experiência profundamente marcante para minha trajetória acadêmica. Essas atividades tiveram como objetivo conectar a teoria vista em sala de aula com a prática vivenciada em cenários reais, permitindo perceber que o aprendizado seria mais do que absorver informações: seria sentir, observar e interagir de maneira única.

Explorar espaços inovadores, que outrora só eram vistos em livros e slides tornou-se transformador para mim e acredito que para todos daquela turma. Cada ambiente visitado carregava consigo uma história e uma bagagem cultural própria, que, ao ser observada de perto, tornava o aprendizado vivo e tangível, compreendo, com clareza, como a prática complementa, do mesmo modo que expande o alcance da teoria, gerando um conhecimento mais rico, integrado e significativo.

Contudo, o impacto dessa experiência não se limitou apenas ao campo acadêmico, despertando o senso de pertencimento e curiosidade, algo que uma sala de aula convencional dificilmente conseguiria transmitir, esta vivência também proporciona sentir-se segura para enfrentar desafios que surgem na área profissional, conhecimento este, que só se adquire saindo das quatro paredes de uma sala de aula e ao conhecer e vivenciar, de fato, o mundo que nos espera. E espera nós, meros estudantes assustados, que sabemos de toda a teoria, entretanto em situações que exigem a prática, nos causa ansiedade e receio de nossos próprios conhecimentos. Ali, reconheci que o aprendizado também se constrói a partir de emoções, sensações e vivências.

Essa experiência reafirmou, de maneira incontestável, a ideia de que a educação não está restrita a um espaço fixo e que aprender fora das paredes de uma sala de aula é uma oportunidade de descobrir novas maneiras de pensar, de estabelecer conexões com o mundo e de interpretar realidades diversas com mais profundidade. Portanto, foi uma vivência que não só ampliou meu conhecimento, mas também modificou minha visão diante dos lugares de ensinar, evidenciando a relevância da educação em transformar e ser transformada pelo mundo ao nosso redor.

Relato 3: Estudante de Biblioteconomia - Samara Rodrigues Paiva de Freitas (2025).

Sabemos que o ambiente acadêmico é um espaço educacional, que se destina a produção do conhecimento, e é neste ambiente que os discentes têm a oportunidade de adquirir conhecimentos, aprendizagens, assim como desenvolver habilidades e competências. É com as atividades práticas, pesquisas e projetos realizados nas disciplinas, que os discentes podem aprender, desenvolver a criatividade e o pensamento crítico, aprendendo a trabalhar em grupo, respeitar diferentes opiniões e pontos de vista, cooperar e colaborar com os demais.

Exemplificando esta afirmativa, as disciplinas Ação cultural: teoria e prática, Informação e Meio Ambiente e Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Alternativas são exemplos de disciplinas que proporcionam aos discentes vivências únicas e inspiradoras, incentivando os alunos a desenvolverem sua criatividade e criar ações que possam ser colocadas em prática, e que façam a diferença na comunidade.

Através das saídas de campo realizadas nas disciplinas citadas, podemos conhecer diferentes lugares, adquirir conhecimentos, praticar em conjunto com os colegas, tornando a experiência ainda mais enriquecedora, pois estas viagens proporcionam uma maior interação e troca de vivências. Dessa forma, nota-se que para se aprender, não necessariamente temos que estar em uma sala de aula, pois o conhecimento pode ser transmitido em qualquer lugar, sem a obrigatoriedade de estar em um ambiente formal, porque quem faz o aluno aprender é seu professor, seus colegas, a realidade em que ele está inserido, e as interações. De que melhor forma pode-se aprender sobre algo do que sentindo na pele aquela realidade?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que conduz a prática de ensinar é simples, é fácil e está ao alcance de todos que têm braços longos ou braços curtos.

Não é proposital e tão pouco desrespeitosa, mas aqui não se encontra definida uma metodologia científica acadêmica e consagrada, na introdução é anunciado que este artigo se propõe a ser inovador, mas não garante que o seja, no entanto, também é proposta, que seja diferente, que seja só diferente e por conta desse modo de se apresentar não se identifica com uma metodologia única, mas rico em procedimentos.

A equação até parece simples, o emitente emite Fontes de informação e o receptor transforma essas Fontes em outras Fontes ou em Formatos de informação, para seu próprio uso

e depois ressignifica/reconfigura/constrói novos e diversos momentos de informação aprendida. Equação resolvida!

Ufff! Desta forma simples parece ser cansativa, para ambos.

Os experimentos mostram que não é bem assim, o diferencial está na fidelidade, e não necessariamente na fidelidade das e nas fontes da informação, mas da cumplicidade assumida entre as duas partes - estudantes aprendentes-ensinantes X professores ensinantes-criativos-inventivos. O propósito precisa ser o mesmo, e precisa caber o diferente pensar, caber as dúvidas, as críticas, os riscos, as invenções e a criatividade. A sintonia é a mesma paixão pelo novo a ser aprendido e a transformar o que foi apreendido.

Foto 10: Aulas na disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Centro de Agroecologia - ARCA, Projeto Curso de Geografia, Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, Campus Carreiros da FURG, Rio Grande, RS (2018)



Fonte: registros fotográficos do autor (2018)

Foto 11: Aulas na Disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Centro de Agroecologia - ARCA, Projeto Curso de Geografia, Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, Campus Carreiros da FURG, Rio Grande, RS (2018).



Fonte: registros fotográficos do autor (2018)

Imaginando a aquarela, a caixinha dos lápis de cores, as tantas cores que combinamos ao colorir, ao experimentar, ao arriscar no risco – inconsciente, consciente, proposital ou sem nenhum propósito. Perfeito é quando fugimos dos limites do desenho, quando pintamos (pintávamos) o Sol de cor azul e a copa das árvores de amarelo, roxo e até verde, talvez algum cheiro ou sentido lá do Jardim da Infância seja a possibilidade criativa nos modos de ressignificar métodos e metodologias para o ensino.

Os conteúdos das disciplinas são regimentais, respeitados na integralidade que devem ser desenvolvidos, no entanto, as abordagens são o diferencial que se mostra inquietante e provocativo, positivamente, nos estudantes colaboradores nesse processo de ensinar.

Essas saídas de campo, para diferentes lugares são tão agregadoras, que comumente vem se reproduzir em temas de Trabalhos de Conclusão de Curso, artigos e atividades de ação, cultura e extensão.

Dessa forma e nessa fórmula as ações são e se revelam participativas, muito qualitativas e de retornos imediatos por parte dos participantes. É comum colher relatos, compartilhamentos ou experimentar ações desses Multiplicadores de ações lá nos seus diversos nichos de trabalho.

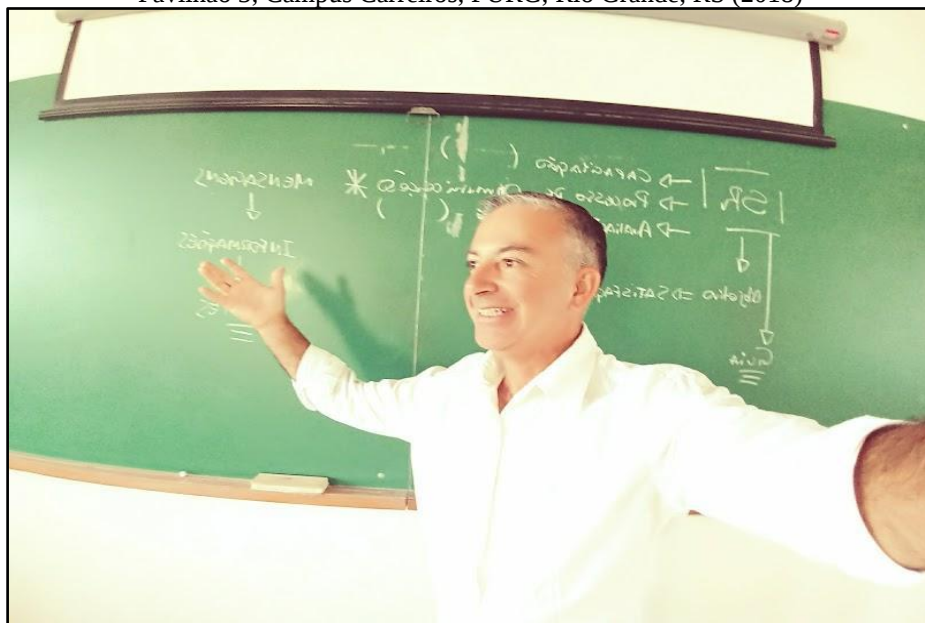
Foto 12: Aula pública sobre Falas femininas: Varal do Empoderamento, Palácio da Justiça (Seminário sobre Bibliotecas Escolares – Secretaria de Educação do estado), Porto Alegre, RS (2018) – Disciplina Ação Cultural: teoria e prática.



Fonte: registros fotográficos do autor (2018)

Se aprender, está comprometido com a responsabilidade social que os aprendentes tem com a sociedade, logo, e certamente, ensinar está em compromisso com as Pessoas e para as vidas das Pessoas.

Foto 13: Aulas na Disciplina Serviços de Referência da Informação, Sala 3106 – Pavilhão 3, Campus Carreiros, FURG, Rio Grande, RS (2018)



Fonte: registros fotográficos do autor (2018)

RESULTADOS

Em três décadas de constante ser “aprendiz de professor”, e assim se faz o ensinar, pelo humilde, tímido e comprometido aprender, fica cada vez mais claro – claridade, que a tal Criatividade é aliada potencial na finalidade da Educação em todos os níveis e, no nível superior, por vezes, é tímida ou pouco atrevida.

Figueirêdo (2018), na sua tese de Psicologia, fala que "ensinar com criatividade é uma ação humana". Aqui corroboro, justifico, testifico e "profetizo" que a Criatividade é o fiel fio condutor na visceralidade do ensino que não teme o(s) Lugar(es) INcomum⁹.

Na trajetória é comum e é quase a forma natural de andarmos entre dois lados, partindo de uma extremidade e, pretensiosos a chegar em outra. Sobre de onde partimos, do lugar de onde saímos, é só o ponto, o porto de todas as chegadas para partir, e onde se pretende chegar, nem é necessariamente a outra extremidade, a outra ponta e é pelo caminho das descobertas, dos erros e dos acertos, das tempestades intempestivas de dúvidas que se vai construindo saberes de ciência, saberes científicos que produzem fontes fundamentais de informação para as sociedades.

Foto 14: Aulas na disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Museu Náutico da FURG, Rio Grande, RS (2022).



Fonte: registros fotográficos do autor (2022)

⁹ Liberdade de escrita pelo autor.

Foto 15: Aulas na disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Museu Náutico da FURG, Rio Grande, RS (2022).



Fonte: registros fotográficos do autor (2022)

Os lados estão lá, ali, aqui agora, e a escolha entre quais não é definitivo e nem o mais importante, pois é só caminho, e o caminho se faz caminhando; entre terra, pedras, arbustos, lagoinhas, desníveis, estações, giz, cadeirantes, bibliotecas a céu aberto, baixa visão, cadernos – nenhum ou poucos lápis de cor, celulares e fotografias, jovens, muito jovens e muito antigos, entre procedimentos metodológicos consagrados e "dor no calo".

Diferentes são os dois lados que ladeiam o caminho, que fazem a trajetória do ensino, trata-se somente da esquerda e da direita, e é tão somente o lado, indiferente de destro ou não, os lugares de ensinar e as salas de aulas é lugares de Todxs.

Foto 16: Aulas na disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Ecomuseu Ilha da Pólvora, Museu Oceanográfico da FURG, Rio Grande, RS (2022)



Fonte: registros fotográficos do autor (2022)

Foto 17: A Luz procura a Sala do Saber. Aulas na disciplina Fontes de Informação e Meio Ambiente, Ecomuseu Ilha da Pólvora, Museu Oceanográfico da FURG, Rio Grande, RS (2022).



Fonte: registros fotográficos do autor (2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não levaremos o conhecimento porque o conhecimento cada um de nós tem o seu e esta é uma Liberdade particular, tanto de interpretação, de aceitação e/ou de tradução. Particularmente vislumbro o conhecimento como sendo um aglomerado reunido pelas nossas

experiências, pelas nossas vivências, pelos nossos sentimentos e por muitas passagens por aquela ponte, as nossas cruzadas por aquele riozinho, às vezes que escalamos aquela(s) montanha(s); todos esses experimentos são fontes de alguma(s) informação.

A informação tem que prestar-se à serviço de algo ou alguém(ens) em qualquer âmbito, e aí toda essa gênese natural, tecnológica de ciências, seja biológica, seja psicossomática, seja psicológica, seja neurológica, seja de qualquer manifestação comportamental e de reações, toda essa gama de tantas coisas reunidas - Fontes e sentimentos, em qualquer época vai nos construir.

Estas referências são a essência de tudo Ser e de tudo fazer acontecer, e de questionar e de dialogar, de desconstruir e de reconstruir ou de construir do zero – só com Fontes, apontamentos, indicativos, histórias.

Até mesmo para montar uma banquinha na esquina da minha rua e lá vender sacolé, as fontes de informação determinam e determinarão o futuro desse “negócio”.

Por isso, o lugar de onde se ensina, talvez nem seja o ponto mais importante; talvez no lugar onde se aprende se possa ensinar mais, pois se vê mais claro lá fora e de fora.

Talvez, só talvez!

Este artigo se apresenta “fora da caixa” ou “fora da casinha”, expressões essas que são tão ricas de sabedoria, tão abastadas de poder imaginário e potencialmente consagradas podem levar a compreender e visualizar o carneiro dentro da caixa do Pequeno Príncipe.

A cultivar um jardim de uma Rosa só.

O potencial deste artigo está na amostragem dos experimentos, está na revelação que o nitrato de prata faz no positivo. A força é visual e é imaginária, pois não tem como ficar indiferente frente a imagem, frente ao retrato de frente e dentro dos Lugares de ensinar.

As considerações ficam por conta de cada leitora, de cada leitor, de cada olhar, de todos os ângulos e, a partir de cada lugares.

Foto 18: O Trem Azul sempre volta... e torna a partir. Aulas na disciplina Ação Cultural: teoria e prática, Santo Ângelo, RS, Museu a Céu aberto – Memorial da Estação Ferroviária – Coluna Prestes (2015)



Fonte: registros fotográficos do autor (2015)

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1994.

CAMPOS, Casemiro. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis. Vozes: 2013.

CRUZ, Fatima Maria Leite; CARRILHO, Conceição. Reflexos dos professores-formadores na identidade profissional de docentes universitários. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 24, p. 92-10, 2014. Disponível em: [www.http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/issue/view/67](http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/issue/view/67) Acesso em: 09 set. 2023.

CUNHA, M. I. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87–101, set./dez. 2016. Disponível em: www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3172/2907 Acesso em: 16 ago. 2023.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. **Educar o educador: reflexões sobre formação docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FÁVERO, Altair Alberto; ODY, Leandro Carlos. Os (des)caminhos da formação do docente pesquisador no ensino superior: mitos e possibilidades. In: FÁVERO, Altair Alberto;

TONIETO, Carina; ODY, Leandro Carlos. (Org.). **Docência universitária: pressupostos teóricos e perspectivas didáticas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

FIGUEIRÊDO, Raiza Barros de. **Criatividade na docência no contexto da Educação Superior: uma leitura psicossocial**. 2018. 245 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia - CFCH) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2018.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In L. Bacich & J. Moran (Org.), **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. [s. l.]: Editora Penso, 2018.

RESNICK, M. **Jardim de infância para a vida toda: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos**. Porto Alegre: Selo Penso, Grupo A Educação, 2020. 192 p. SACRISTÁN, José Gimeno. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

SALES, Monica Patrícia da Silva. **Docência no ensino superior nas representações sociais de estudantes**. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2012.

SPINOZA, Beneditus. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WOODS, Peter. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2004.